

Iconoclastia

A noite estava muito quente. Não sei se o desconforto causado pelo calor, ou a cama muito dura (ainda não me acostumara a ela), ou o jantar frugal, que sempre me deixava com fome, seriam a causa da minha insônia. O fato era que eu já não mais agüentava ficar deitado. Levantei-me. No dia seguinte, antes do sol nascer, eu já deveria estar acordado. E seria mais um sacrifício porque eu teria, novamente, minuto a minuto, contado as horas de outra noite longa e abafada.

De pé, medi aos passos o quarto. Poucos passos, a cela era minúscula. Não poderia acender a luz, mesmo se quisesse, pois o meu companheiro de quarto dormia profundamente. Roncava. Mais uma razão para a minha insônia. A janelinha mostrava que a noite não tinha estrelas. Talvez fosse chover, e por isso estivesse tão quente. Olhei o pátio, bastante escuro, e não vi ninguém. Quem mais estaria acordado àquela hora? Todos tinham muito mais juízo do que eu e aproveitavam o silêncio daquele isolamento monacal para fazer a coisa mais revigorante que se pode fazer à noite: dormir.

Já que eu não poderia ler naquela escuridão e rezar não estava calando a minha inquietação, resolvi que, pelo menos, não passaria calor. Abri a porta com cuidado inútil. As ferragens rangeram mesmo assim. Fora isso, silêncio. Saí para o ar parado da noite. Um cachorro latiu bem distante e um carro passou do lado de fora. Em algum tempo, seria dia. Eu esperava que fosse logo, pelo menos teria as tarefas da vigília a ocupar o corpo enquanto a mente vagasse, livre.

Procurei o que fazer ali, mas o escuro não permitia muitas opções. Lembrei-me, então, da capela subterrânea. No dia seguinte, a tarefa de varrê-la seria minha. A capela ficava longe dos dormitórios, era fresca como uma adega. E lá se poderia ler à noite (além de rezar, é claro). Na passagem, peguei um livro da estante do corredor. Poemas sacros. Belos, com iluminuras. E também uma vassoura, para o caso de eu não estar com muita paciência.

A entrada da capela não se abria diretamente para o pátio. Havia uma escada que se dobrava em duas ou três curvas. Sempre admirei aquela conformação. Favorecia a surpresa de quem descobria, ao fim dos degraus, a abóbada inesperada da capela. Na segunda curva, vi que uma luz esbarrava na parede, vinda de baixo. Alguém esquecera lâmpadas acesas. Melhor para mim.

Foi então que vi, silenciado de espanto, aquela cena única. Não estava preparado para ela. Acho que ainda não estou. Uma lâmpada clareava o pórtico de entrada. O resto da capela era escuridão, exceto pelo altar com velas. Atravessei o pórtico. A imagem da santa se destacava, iluminada por aquela luz instável. Ele estava lá, e não notou minha presença. Respirava audivelmente. Encarava a imagem. E se masturbava. Ali. Para *ela*.

Devo ter feito algum ruído. Ele se voltou, assustado. Antes que eu dissesse qualquer coisa, passou por mim correndo. Eu não consegui me mover. Ainda olhei seu rosto, mas a pouca luz e a pressa dele não me deixaram ver direito. Ou fui eu que preferi não ver. Não sei. Só me lembro da sua roupa. Comprida e escura, igual a minha.

Josimey Costa, autora dos três textos, é jornalista e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.